

AINDA O “CARPE DIEM”

Maria Helena Nery Garcez

“Napoleão observara que “se passa da tragédia à comédia pelo simples fato de uma pessoa se sentar” A ironia compraz-se em tudo quanto se opuser ao engrandecimento.” (1)

A observação napoleônica recolhida por Bergson e reproduzida na citação de Maria Helena de Novais Paiva pareceu-nos vir muito a propósito de dois conhecidos sonetos seiscentistas, camoniano, um, ronsardiano o outro, versando ambos sobre o decantado motivo do *Carpe Diem*. Lembrou-nos aproximar estes dois textos não tanto pela comunidade temática, mas principalmente pelo engenhoso e original tratamento que, em ambos, o tradicional tópico recebeu, pois consideramos que esta singularidade que os individualiza constituiu um elemento fundamental na sua valorização estética. Mas, antes de desenvolver nossas considerações, passemos à apresentação dos textos:

Se as penas com que Amor tão mal me trata
Permitirem que tanto viva delas,
Que veja escuro o lume das estrelas
Em cuja vista o meu se acende e mata;

E se o tempo, que tudo desbarata,
Secar as frescas rosas sem colhê-las,
Mostrando a linda cor das tranças belas
Mudada de ouro fino em bela prata;
Vereis, Senhora, então também mudado
O pensamento e aspereza vossa,
Quando não sirva já sua mudança.

Suspirareis então pelo passado,
Em tempo quando executar-se possa
Em vosso arrepender minha vingança. (2)

(1) — Paiva, Maria Helena de Novais — *Contribuição para uma Estilística da Ironia* — Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1961, p. 18.

(2) — Camões, Luís de — *Lírica*. Seleção, prefácio e notas de Massaud Moisés. São Paulo, Editora Cultrix, 1963, p. 109.

Quand vous serez bien vieille, au soir, à la chandelle,
Assise auprès du feu, dévidant et filant,
Direz, chantant mes vers, en vous émerveillant:
“Ronsard me célébrait du temps que j'étais belle.”

Lors vous n'aurez servante oyant telle nouvelle,
Déjà sous le labeur à demi sommeillant,
Qui au bruit de Ronsard ne s'aille réveillant,
Bénissant votre nom de louange immortelle.

Je serai sous la terre, et fantôme sans os;
Par les ombres myrteux je prendrai mon repos;
Vous serez au foyer une vieille accroupie,

Regrettant on amour et votre fier dédain.
Vivez, si m'en croyez, n'attendez à demain:
Cueillez dès aujourd'hui les roses de la vie. (3)

Chamemos logo a atenção dos leitores para o arguto estratagemas de que lançam mão ambos os galanteadores — se é que ainda podem, com propriedade, ser denominados tais — nos sonetos em questão. Os dois visam convencer a mulher amada a corresponder ao amor que lhes dedicam e visam movê-la a gozar o tempo presente. Até aí nada de original haveria a registrar se não fesse sui generis o modo de argumentação que os dois poetas encontraram. No seu afã de construir um eficaz processo persuasório, ambos evitaram a argumentação abstrata, puramente teórica, direta e linear e, como bons conhecedores da alma humana, recorreram ao concreto, ao visual e ao pessoal. Num processo persuasório requintado e indireto, colocaram a dama cortejada face a face com a funesta pintura de sua própria decrepitude física, fizeram-na ver e ter uma vivência de sua velhice, revelando dotes dialéticos sutis, pois que argumento poderia ser mais eloquente para a mulher que se sabe cortejada do que a presentificação de seu momento de decadência física e de tudo quanto esta traz consigo de nostalgias, de recordações e de solidão? Como se poderia ter imaginado uma argumentação mais pessoal, mais contundente, mais eficaz? Se Ronsard sente, no final de seu soneto, a necessidade de explicitar uma conclusão, convidando a mulher amada a gozar o hoje e o agora: “Cueillez dès aujourd'hui les roses de la vie.”, Camões, de maneira mais sutil, menos incisiva, renuncia a explicitar a sua, que fica latente na ameaça com que constrói o fecho de seu soneto. Sob este ponto de vista seu texto conserva-se mais indireto até o final, mais sugestivo do que declarativo.

(3) — Ronsard, Pierre de — *Poésies Choisies*. Paris, Éditions Garnier 1959, p. 131.

Curiosa maneira de galantear a escolhida pelos dois mestres do soneto clássico, irônica maneira! É a respeito dela que nos ocorreu a observação atribuída por Bergson a Napoleão: se se pode passar da “tragédia à comédia pelo simples fato de uma pessoa se sentar”, pode-se também passar do lirismo amoroso “sério”, elevado, ao “jocos”, menos elevado, portanto, pelo simples fato de pintar a decrepitude da dama ao invés de glorificá-la nos seus atrativos. A nosso ver, nestes sonetos, embora ainda se conserve o estilo elevado, opera-se uma sutil mudança de tom, pois ao aparecer a mulher desmitificada e rebaixada, instaura-se um relacionamento sui generis entre o poeta e sua musa, já que este se coloca numa posição de superioridade em relação a ela e dela se ri. Nos textos em questão, o relacionamento poeta/musa já não é mais a situação de vassalagem, tão típica nos cantores de amor trovadorescos e na lírica amorosa renascentista de inspiração petrarquista pois desapareceu o culto à mulher, já que esta deixou de ser divinizada. Se o galanteador permite-se rir de sua dama—mesmo que este riso seja sutil e discreto como no texto camoniano — já não estamos propriamente no contexto da lírica amorosa e sim no da lírica de escárneo, havendo alguma reminiscência do tom satírico deste gênero de cantigas no tom com que Camões e Ronsard se dirigem à mulher “cortejada” Senão, vejamos.

Ao invés de engrandecerem-na, pelo contrário, humilham-na, engrandecendo-se eles próprios. Isto fica patente com mais clareza no soneto de Ronsard, onde o confronto entre o poeta e Hélène faz-se cruamente e onde não se oculta o alto conceito que Ronsard faz de si, chegando ao extremo de declarar que a única glória que restará à sua musa, na sua velhice, será a de ter sido cantada por ele: “Ronsard me célébraît du temps que j'étais belle!” Num requinte de maldade, Ronsard coloca tais palavras na boca da própria Hélène, querendo significar que esta afirmação não é dele mas que será ela mesma a proferi-la. O texto camoniano — mais suave, menos cru e menos exemplar que o de Ronsard — mantém uma *aparência* de submissão do eu, no tom *aparentemente* servil com que a trata por Senhora, submissão e serviço logo adiante desmentidos na elegante contundência do dístico final: “Em tempo quando executar-se possa / Em vosso arrepender minha vingança.”, que não é senão uma formulação altamente sofisticada do refrão popular: “Quem ri por último, ri melhor.”

Como textos irônicos que são, comprazem-se “em tudo quanto se opuser ao engrandecimento. Assim, no texto ronsardiano, Hélène é apresentada não apenas velha mas “bien vicille” e, pior ainda, “une vieille accroupie”, sentada — como do dito de Napoleão — havendo um certo sadismo na maneira de pintar seu retrato—poderíamos mesmo dizer sua caricatura — bem como a sua circunsntância ambiental, pois Ronsard intencionalmente escolhe surpreendê-la numa situação

obscura, desempenhando uma banal tarefa caseira que a iguala ao comum das mulheres. Já não existe mais a Hélène dos salões e da corte, de vida brilhante, a Hálène que está em pé — imagem de seu apogeu, de seu domínio sobre os admiradores, de sua plenitude —, mas sim uma Hélène sentada, desprovida de brilho, de interesse e de atrativos, uma Hélène que já não se singulariza mas que é igual a qualquer outra mulher e que, à noite, doba e fia, à luz da vela, vivendo de recordações. O texto camoniano — menos realista e mais convencional — não deixa de ser cruel, sádico também — embora no confronto com o ronsardiano ele perca muito de sua contundência — ao esmiuçar os pormenores denunciadores da decrepitude. Mantendo sempre uma elegância digna de nota, faz Camões uma seleção de elementos físicos que no presente constituem a glória de sua interlocutora, mostrando sua futura metamorfose: as estrelas/olhos perdem seu lume, as rosas/ faces secam, o ouro fino das tranças muda-se em bela prata. Se o texto de Ronsard presentifica uma cena doméstica, comezinha, quotidiana o texto camoniano mantém-se alheio a qualquer descida do plano sentimental, conseguindo curiosamente conservar aquela “mescla de motivos fantástico-naturalistas ou realista-sentimentais” de que nos fala Hatzfeld (4) ao discernir os procedimentos maneiristas em Camões.

“ a ironia é céptica e hipercrítica, por isso se recusa a toda a atitude de encantamento; por isso se encaminha na direcção do difemismo: “contundente ou mesmo soez, não pode negar-se-lhe a virtude de ter a espinha dorsal erecta.”

A primeira forma de difemismo consiste em negar às pessoas o carácter de extraordinárias, de únicas, de irrepetíveis; considerar as pessoas banais é a primeira forma do desprezo. Por isso, a depreciação recorre largamente ao comezinho: apeia do trono um rei, focando realidades vulgares de vida íntima. ” (5)

Com maior ou menor contudência, segundo o estilo próprio de cada um, este difemismo verifica-se em ambos os sonetos: apóia-se a dama do pedestral em que, normalmente, nos textos lírico-amorosos ela é colocada “recorrendo ao comezinho” e “focando realidades vulgares”, como é, no caso, o envelhecimento. O texto camoniano fá-lo com mesura, com ironia elegante e velada enquanto que o texto ronsardiano singulariza-se pela ironia ostensiva, beirando o sarcasmo. Em ambos, nega-se à mulher o “carácter de extraordinárias, de únicas, de irrepetíveis”, mostrando-se justamente o contrário: que são mulheres mortais como todas as outras e que, tal como sucede às

(4) — Hatzfeld, Helmut — *Estudios sobre el Barroco*. 3a ed., Madrid, Editorial Gredos, 1973.

(5) — Paiva, Maria H. de Novais — *op. cit.*, p. 18.

outras, elas também envelhecerão e perderão seus atrativos, tornando-se objeto de desprezo.

Sinuosa maneira de galantear, essa adotada pelos dois poetas quinhentistas! Atrevida maneira! Se de seus resultados nada podemos afirmar, podemos, no entanto, ressaltar sua engenhosidade. Galantear ironicamente, rebaixar a dama ao invés de exaltá-la, tentar conquistar pela humilhação e pela ameaça, colocando-se em situação de superioridade em relação a ela e invertendo a situação de vassalagem, rir-se dela, tudo isto é forçar os limites do estilo elevado pela assimilação de elementos satíricos, próprios do modo baixo, conferindo a estes dois sonetos um certo parentesco com a lírica de escárneo e as “coisas de folgar”

Eis a singular faceta que assumiu o tradicional tópico do *Carpe Diem* nestas duas composições destes dois grandes mestres do soneto da lírica renascentista e eis uma singular faceta do Camões amador, praticamente inexplorada.